

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

MIMI, NECAS e LÚLÚ

POR LEONOR DE CAMPOS

— **H**UFF! Está tanto calor!... — suspirou a Mimi, estendendo-se, no chão, ao comprido. — Este quarto dos brinquedos é sufocante!... Mas, também, não se pode andar lá por fóra! O sol é capaz de fritar os nossos miolinhos!...

Os irmãos, estirados, no chão, como ela, concordaram num acêno de cabeça.

— O pior — disse Necas — é que a gente, assim, nem sabe como há-de brincar!...

— Lúlú! — continuou êle, vendo que o irmão, muito entretido a ver dansar as moscas, não lhe respondia — Lúlú!... Vamos... uma idéa!... Lúlú não disse nada.

De papo para o ar, muito quieto, parecia sonhar acordado. Até que, de súbito, pôs-se a pé, dum salto.

— Pronto! Já está!

— Já está, o quê?

— Já está, aqui na cabeça, uma ótima idéa!

— O que é? O que é? — gritaram os irmãos, alvoroçados.

— Vamos mascarar o Farrusco!...

— Ora, ora, ora!... Olha que idéa tão palerma!... Palavra que nem parece tua!... Que graça podê ter o Farrusco mascarado? — respondeu Mimi.



— Palerma será você, sua mulherzita de cá-cá-rá-cá!... Ora, então, vamos lá ver se a minha idéa é boa ou não!...

E o Lúlú, muito vermelho, muito entusiasmado, sentou-se no chão e principiou as explicações:

— Vocês não perceberam que eu só quero mascarar o Farrusco, para enganar alguém?!... E, para isso, a gente vai vestir o Farrusco de Bébê.

Embrulha-se no chale de malha da mãizinha e depois vamos entregá-lo á Maria cozinheira, dizendo ser o filho da vizinha Amélia, que nasceu outro dia.

Perceberam? E depois a gente farta-se de rir quando a Maria descobrir a marosca!... É claro que isto não é assim uma grande idéa, lá isso é verdade!... Mas é o que se pode arranjar para o verão!... As boas idéas ficam para o inverno! Então, está combinado?

Necas e Mimi, um tanto desconsolados com a idéa do irmão, pensaram um pouco... e, á falta de melhor, resolveram aceitar. O Necas foi buscar o Farrusco, a Mimi encarregou-se de arranjar o vestuário e o Lúlú foi o seu criado de quarto.

Daí a pouco, o pobre bichano estava todo *liró*. O vestido era o da Clarinha, a grande boneca da Mimi: Um pano da cozinha, enrolado em volta



(Continúa na página 5)

Pois causa do relógio

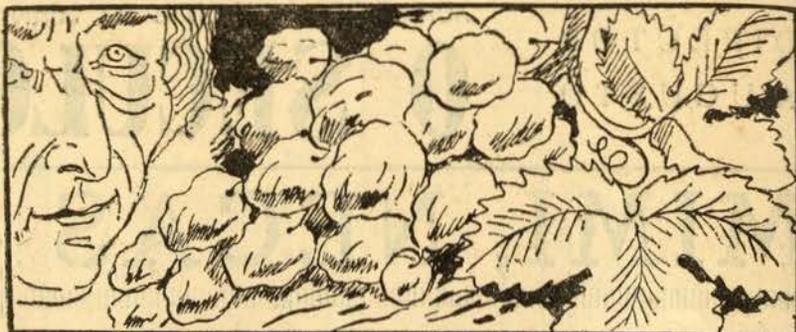
FOR

LAURA CHAVES

NUMA aldeola perdida nos confins de Portugal, na esguia tórre da ermida, um tal Senhor Amaral, que voltara do Brasil muito rico de intenções e de notas das de mil, abriu da bolsa os cordões e mandou lá colocar uma prenda, de mão cheia, que muito deu que falar a tóda a gente da aldeia.

Era um relógio famoso dêsses que em tudo se metem, um maçador, um teimoso, que as horas tôdas repetem. Dava um quarto, riplimplim, dava as horas, riplimplão, voltando ao mesmo chinfrim sem consciência, o ladrão!

O povo estava encantado! Só para o ouvir tocar andava sempre atrasado, pois, quando ia trabalhar, já o sol estava a pino, isto é, era meio dia! Por causa de tal mofino o trabalho não rendia. As sextas eram dormidas às cinco horas da tarde!... Baralhou tôdas as vidas, mas, sempre no mesmo alarde, êle as horas repetia, —tão-telão e tão-telim— em tóda a parte se ouvia, o seu alegre chinfrim.



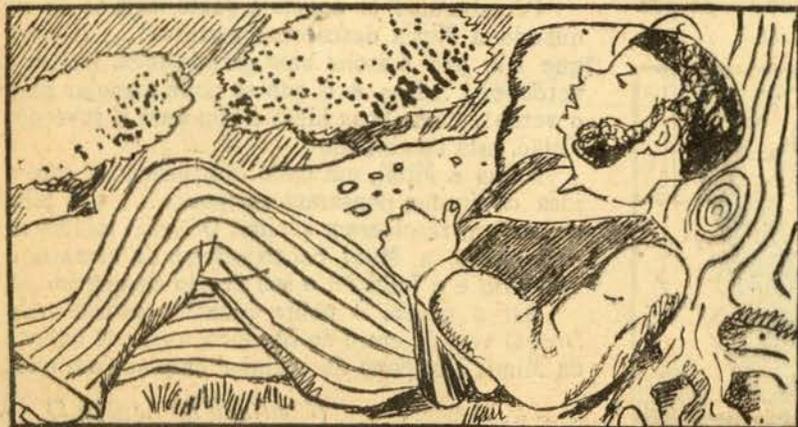
Quando o trigo foi ceifado, ia no fim a estação! o trigo à espera, maçado, já se deitára no chão! Em vez de ser em Setembro, a vindima só foi feita em princípios de Novembro! —Imaginem que colheita!— A uva, tóda mirrada, coitada, metia dó... lembrava a cara engelhada da senhora minha avó. Da azeitona nem se fala, —sempre o relógio infernal!— quando fôram a apanhá-la, batia à porta o Natal. E creiam, que não é trêta, — aquilo foi um destrôço— a verde já estava preta e a preta estava em caroço. Tudo que se semeou, a fruta, o tomate, o grão, nada disso se apanhou... caíu podreco no chão.

Havia miséria imensa! Té se pedia esmolinha!

Havia fome, doença, a aldeia estava na espinha, Aumentou o necrológio, perderam-se muitas vidas e tudo porque o relógio dava as horas repetidas. Como a Providência vela, tudo sabe e tudo vê, deu no relógio mazela, ou não sei lá bem o quê, que, quando as horas quis dar, fez enorme trapalhada, pôs-se a chiar, a chiar, e nunca mais disse nada.

Foi um desgosto geral, ninguém na aldeia ceou, desde o cura ao Amaral, tudo, num pranto, chorou. E, nem sei como contá-lo, tão raro parece o feito, regulam-se pelo galo e tudo marcha direito. Inda hoje o povo, saudoso, fala, nas noites de inverno, dêsse relógio famoso que a todos meteu no inferno; e conversam neste tom, às vezes, até desoras: «Isso é que era tempo bom, quando êle marcava as horas!»

Pois veio à baila êste drama para o dito definir, que reza assim: cria fama, depois deita-te a dormir.



■ F I M ■



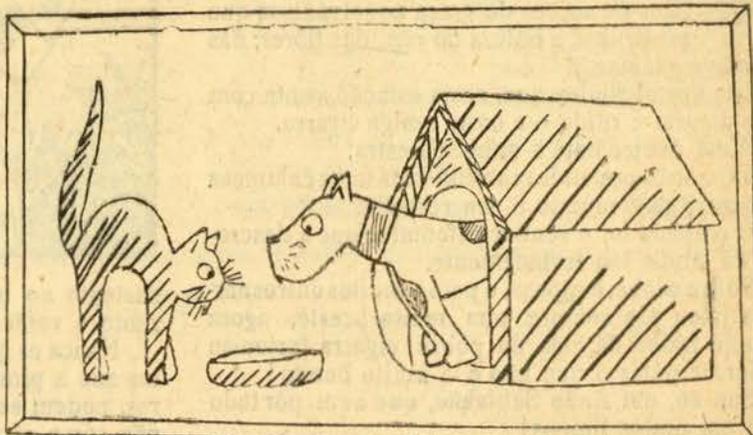
Querida Maria do Céu:

Um cão e um gato mais a caracter não podias ter encontrado! Como sabes, em regra, eles detestam-se e aí os tens, tal como são, prontos a arremeter!

Querias o desenho com ponto cadeia e ponto pé de flôr, creio, portanto, que ficarás satisfeita...

Vejo que já sabes fazer um e outro; por isso vou, apenas, indicar-te as côres do teu bordado.

A casa do cão e o tacho são cor de tijôlo, o cão preto com as malhas e a coleira amarelas. O



gato cinzento. Bigodes e olhos pretos.

Muito estima que o desenho seja ao teu gôsto a *Abelha Mestreira*

O PATO MARRECO QUERE SER CANTOR

(Continuação do numero anterior)

— «Está bem! Vou já fazer os convites!...»

No dia seguinte, à hora do concerto, as imediações da capoeira, ofereciam um aspecto deslumbrante:

Dezenas de passarinhos, empoleirados nos muros e nas árvores da quinta, chilreavam dôcemente. O Cão, um pouco afastado da capoeira, dando-se ares importantes, preparava-se para dar o sinal de começar, enquanto o gato, o porco, os coelhos, as galinhas, perús e galos se empurravam e atropelavam em busca do melhor lugar.

Nisto, apareceu o Pato Cantôr. De casaca e uma flôr na lapela, tossiu, aclarou a garganta... e esperou o sinal de começar. E apenas o Cão rosnou:

— «Pode começar!...» — o Pato anunciou:

— Vou cantar para Vossas Bichezas o célebre *Vira*, da *Sevéra* que eu aprendi à fôrça de o ouvir cantar, todo o dia e toda à noite, à Ana cozinheira:

— «*Quá quá quá quá quê quô qui quê quô quê quê quê quê quô quá quô quá... quá... quá...*»

— «Fôra!... Fôra! — berrou tôda a assistência, em côro. — Fôra o Pato Marreco! Isto é fazer pouco de nós!...»

E já havia alguns bichos mais exaltados que avançaram para o Pato, dispostos a fazer com êle uma bôa canja, quando o Cão avançou. E, ameaçador, o Cão ladrou:

«Ao, ão, ão,
já p'ra traz,
já p'ra traz!...
Se não recuais
mordo já... zás!...
Dou dentadas...
Sapatadas...
ão, ão, ão...
para o papalvo do pato
o susto que lhe pregastes
já chegou
como lição!...
ão! ão!...»

E era bem verdade. O Pato, ao ver avançar aquela bicharia tôda, apanhou um tão grande susto que, daí em diante, nunca mais se lhe ouviu a voz. Mas, também, não tornaram a chamar-lhe Pato Marreco. Hoje é apenas conhecido pelo Pato Mudo!...

A CIGARRA CANTORA

POR ANÃO SABICHÃO

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

A GORA é o tempo em que, pelos campos, se ouvem os cantos lindíssimos das ávesinhas e os trilos alegres de vários insectos. Parece que os animaisinhos entôam cânticos de acções de graça ao solradioso que faz brilhar a beleza do céu, das flôres; das árvores e plantas.

Um dos bichinhos que, nesta estação, canta com mais alegria e ruído é a nossa amiga cigarra.

A ela dedico hoje a minha palestra.

Este Anão pretende reabilitá-la da fama caluniosa que corre pelo mundo a seu respeito.

O culpado foi o senhor Lafontaine que a descreveu na fábula tão levemente.

Sôbre o lobo, a raposa, o pato e muitos outros animais falou êle sempre com muito acerto, agora quando tratou da vida da pobre cigarra fartou-se de ferrar pêtas o que não é lá muito bonito!

Sou eu, um Anão Sabichão, que vem pôr tudo aqui em pratos limpos!

Diz a fábula *A Cigarra e a formiga*, que a cigarra leviana, canta alegremente, sem pensar no futuro.

Quando chega o inverno, cheia de frio e fome, procura a formiga para lhe pedir uma esmola.

Rodeada de sacas da bôa colheita do verão, a formiga que se prepara para passar o inverno na maior abundância, tem esta resposta cruel, ao ouvir as súplicas da cigarra boémia:

— Cantaste? Pois dança agora! —

De fonte limpa, como se costuma dizer, sei eu, que a formiga é que é, na realidade, uma ladra do bem alheio e a pobre cigarra uma vítima!

Reparem os meus amiguinhos:

Como pode ela implorar uma esmola para o seu



sustento no inverno, se só vive umas semanas durante o verão?

Nunca os grãos de trigo e os insectosinhos mortos que a pirata da formiga guarda nos seus celeiros, podem ser comidos pela cigarra, porque ela não come, só chupa.

É verdade, meus meninos, esse animaisinho, tão inofensivo, não tem mandíbulas nem bôca.

Para se alimentar, serve-se duma espécie de tromba afilada que enterra nos troncos das árvores e assim lhes chupa a seiva.

Nas alturas onde vive, o insecto-poeta canta sempre, embriagado pela luz do sol e nunca se preocupou com a prosaica formiga que vive rasteirinha á terra!

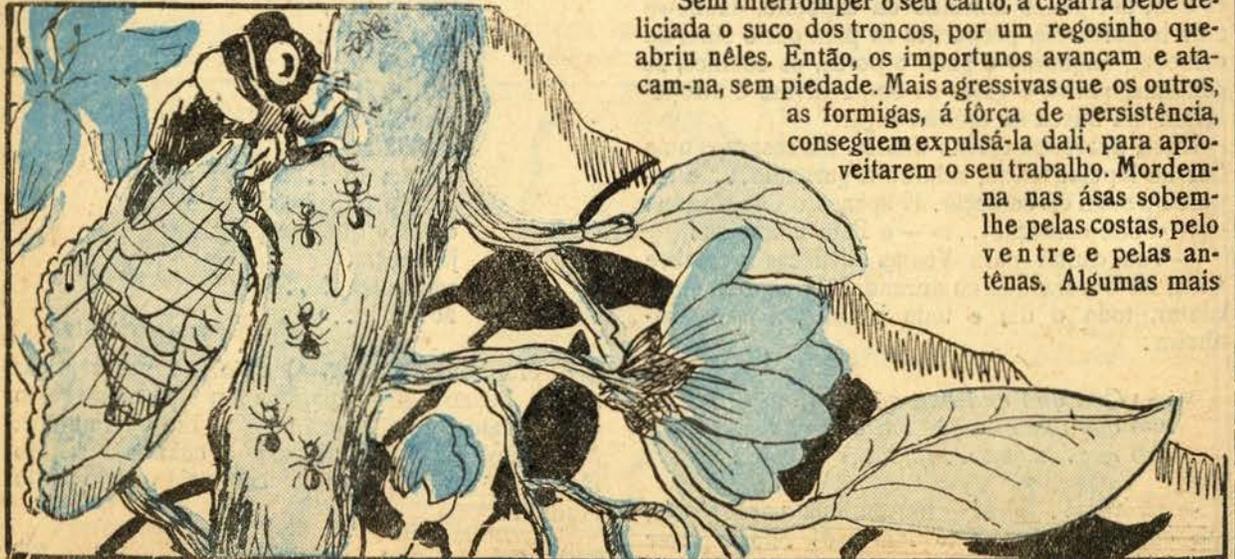
É ela, ainda, que procura a cigarra e sabem para quê?

Eu lhes explico:

No pino do verão, môscas, abêlhas, vários insectos e, sobretudo, formigas, muitas formigas, cheias de sede, invadem as árvores.

Sem interromper o seu canto, a cigarra bebe deliciada o suco dos troncos, por um regosinho que abriu nêles. Então, os importunos avançam e atacam-na, sem piedade. Mais agressivas que os outros,

as formigas, á força de persistência, conseguem expulsá-la dali, para aproveitarem o seu trabalho. Mordem-na nas ásas sobem-lhe pelas costas, pelo ventre e pelas antenas. Algumas mais



atrevidas, chegam a apoderar-se-lhe da tromba e intentam tirá-la do tronco, para chuparem, á vontade, o líquido.

Ao pé das formigas, a Cigarra é um elefante! Poderia, se lhe apetecesse, esborrachá-las, mas como se alimenta só de vegetais a sua índole é boa e tolerante.

Por isso, quando se cansa de tanta maldade, a unica cousa que faz, é fugir dali.

Mas antes disso para se vingar, e em sinal de soberano desprêzo, levanta uma pata e deita sobre as irritantes formigas, um líquido mal cheiroso!

Depois dumas cinco ou seis semanas de vida, a alegre Cigarra cantôra, cai morta da árvore extenuada por tanta cantoria.

O sol seca o seu corpo que, ainda, muitas vezes, é pasto dos batalhões das formigas daninhas.

Eis aqui, meus queridos amiguinhos, a verdadeira história da Cigarra cantôra.

Com certeza, agora que a sabem, mais apreciarão o simpático animalzinho de quem o vosso



Anão advogou a causa, indignado com a injustiça de que ela era vítima.

F I M

MIMI, NECAS E LÚLÚ Desenhos de CASTAÑÉ

(Continuação da 1.ª página)

do corpo do Farrusco, fazia as vezes de cueiros e encobria-lhe a cáuda. E, na cabeça, puzeram-lhe um lenço do Pai, dobrado em bico e atado, pelas pontas, debaixo do focinho.

O Farrusco ficava assim bem disfarçado. O pior eram os bigodes. Por mais que fizessem, a bigodada ficava sempre a espreitar. O Lúlú estava furioso. Agarrando numa tesoura, preparava-se já para lhos cortar, quando a Mimi interveio:

— Não! Não!... Não cortes os bigodes ao Farrusco!... A cara rapada passou de moda!... Não quero que o meu bichano seja *bota de elástico!*... Espera que eu, com jeitinho, hei-de conseguir esconder o seu lindo bigodinho?

Efectivamente, a Mimi puxou o lenço um pouco á frente e lá conseguiu o que se pretendia. Embrulharam, então, o Farrusco no chale, e puzeram-se em marcha, direitos á cozinha. A Mimi é que levava o fardo.



A Maria cozinheira estava na ocasião a amarrar uns carapás. Quando viu aparecer o cortejo, largou o seu serviço:

— Ora vivam!... Então que querem os *mês* queridos meninos? Algum bolinho, não, *sês* marotos?

— Não — respondeu Lúlú. — Viemos mostrar-te o menino da vizinha Amélia. Queres ver?

A Maria limpou as mãos ao avental e respondeu, indignada:

— Então, a Amélia emprestou o pequeno dela aos *mês* meninos? Olha que mãe aquela, benza-a Deus!... Entregar um anjinho a estes meninos tão marotos, salvo seja!...

E preparava-se para pegar no *anjinho*, quando o Farrusco, atraído pelo riquíssimo perfume do carapáu, dá um grande salto e vai cair, mesmo em cheio, sobre a mesa da cozinha.

A palonça da Maria assustou-se. E, tóda a tremer, escondendo a cara entre as mãos, pôs-se a gritar:

— Jesus! Jesus! Isto é o mafarrico! Isto é o mafarrico!...

Os pequenos riam a bandeiras despregadas. E quando a pobre Maria se resolveu a descobrir a cara, a maior parte dos carapás, tinha desaparecido e o Farrusco, todo contente, de lenço, vestido e cueiros, lambia os bigodes, que tinham de novo fugido da prisão.

Desde esse dia, sempre que os *sês* queridos meninos queriam entrar na cozinha, a Maria desatava em tal berreiro que eles recuavam logo e tratavam de se eclipsar o mais depressa possível.

F I M

Charadas PARA OS MENINOS COLORIREM combinadas

+ los — Nome d'homem,
 + o — moeda de Macau.
 + vas — cidade portuguesa.
 + ma — criada.

Conceito: — embarcação.

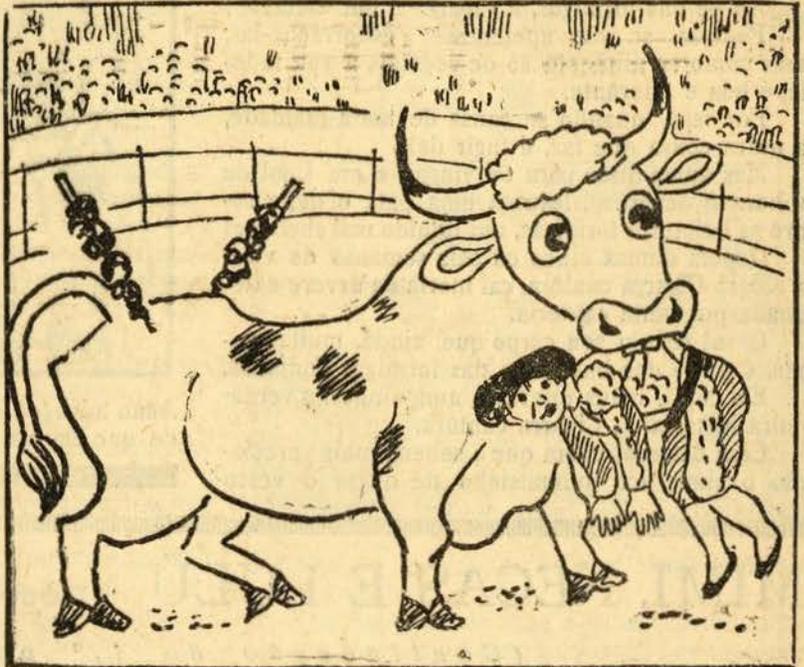
+ bo — vegetal
 + va — fruto.

Conceito: — embarcação.

TAVARES

Solução do número 446

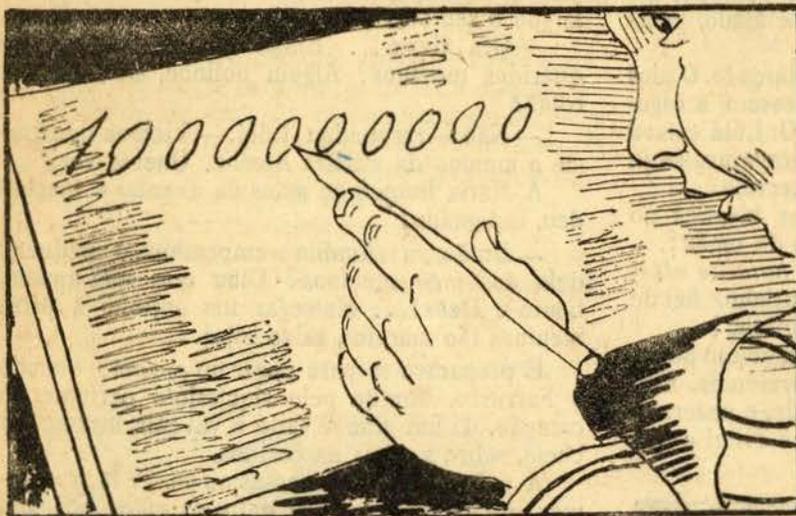
- 1 — Setubal
- 2 — Braga
- 3 — Evora
- 4 — Faro
- 5 — Ovar
- 6 — Beja



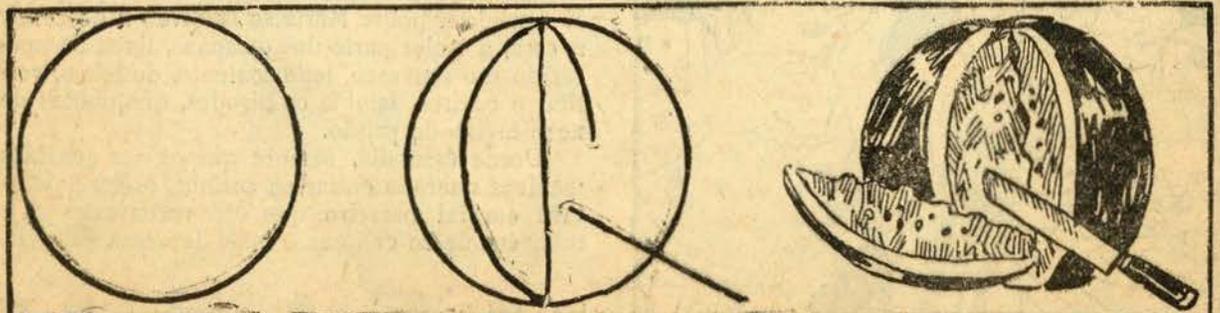
A DIVINHA

Meus meninos: — Vejam se descobrem a maneira de escrever êstes algarismos sem levantar o lápis do papel e até mesmo com a mão esquerda.

(Ver solução no proximo número)



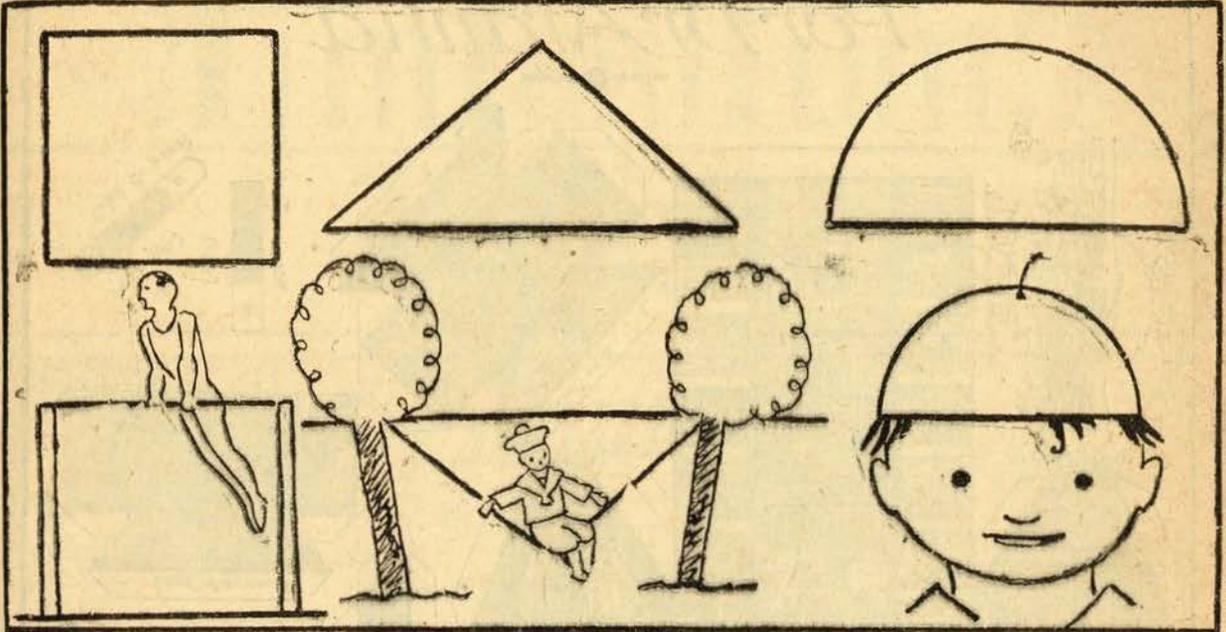
L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se aprende a desenhar uma melancia

O NOSSO NOVO CONCURSO

POR CASTAÑE



1.º — Os concorrentes deverão fazer um desenho da sua invenção, desenvolvendo o motivo das três figuras geométricas que publicamos, isto é: utilizando-as como ponto de partida e base principal. As três soluções que as acompanham, podem servir de exemplo.

2.º — Os desenhos serão feitos em papel branco, a tinta bem preta e de qualquer dimensão sempre que não excedam 6x7 centímetros. As figuras geométricas podem ser desenhadas em qualquer sentido e as soluções devem ser enviadas sobre uma figura ou sobre as três separadamente.

3.º — O prazo de entrega termina no dia 31 de Agosto.

4.º — Os desenhos serão enviados à Redacção do *Pim-Pam-Pum* — Rua do Seculo, 49.

N. B. — Todos podem mandar soluções, mesmo que não saibam desenhar pois serão também tomadas em consideração a simplicidade e a graça dos desenhos.

Os interessantes auto-emblemas: — Pera e Machado, são da autoria de Isabel Crespo e não de Ferreira Lapã.



PALAVRAS CRUZADAS

DR. MANUEL DE ARRIAGA

HORISONTAIS: 1 — Consoante. 2 — Pronome francês. 4 — Terra brasileira. 9 — Rio francês. 10 — Rei dos Persas. 11 — Brinquedo de rapaz. 12 — Orgão do corpo humano. 13 — Patrão. 14 — Aqui. 16 — Que existe no Oceano. 17 — Plór. 18 — Imperador Romano.

VERTICAIS: 1 — Instrumento musical. 3 — Planeta. 5 — Continente. 6 — Imperador Romano. 10 — Cume. 11 — Jornal infantil. 12 — Batráquio. 14 — Habitação. 15 — Intervalo. 16 — Estrêla. 17 — Verbo ir. 18 — Consoante.

